

XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória

A INFORMAÇÃO NOS ARTEFATOS RELIGIOSOS: A QUARTINHA NAS ÁGUAS DE OXALÁ

THE INFORMATION IN RELIGIOUS ARTIFACTS: THE QUARTINHA IN THE WATERS OF OXALÁ

Derek Warwick da Silva Tavares – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Aline de Carvalho Souza – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este trabalho é resultado de uma pesquisa de mestrado em andamento, que investiga o papel da documentação na preservação da memória das religiões de matriz africana. Focado na quartinha de barro utilizada nas cerimônias das Águas de Oxalá, o estudo explora sua importância como artefato ritualístico nos terreiros de Candomblé, destacando seu papel na preservação da memória e da identidade cultural. A partir de uma análise dos artefatos religiosos e sua relevância cultural, a quartinha é apresentada como um exemplo de como objetos materiais incorporam e transmitem conhecimentos ancestrais. Esta pesquisa contribui para a ampliação do conceito de documento, ao considerar sua função simbólica e informacional dentro dos rituais. A investigação utiliza métodos bibliográficos e observação participante no terreiro de Candomblé Ilê Axé Ingoquê Omorossí, o que permitiu uma compreensão do simbolismo e das práticas associadas ao artefato. Os resultados mostram que a quartinha, além de cumprir uma função prática nas cerimônias, atua como um meio de transmissão de memória coletiva e cultural entre gerações, consolidando-se como um documento de interesse para arquivistas e para a Ciência da Informação, dada sua capacidade de preservar e transmitir conhecimentos relevantes ao patrimônio cultural e religioso.

Palavras-chave: religiosidade; Candomblé; artefatos; quartinha.

Abstract: This paper is part of an ongoing master's research focused on the role of documentation in preserving the memory of Afro-Brazilian religions. The study centers on the clay *quartinha* used in the Águas de Oxalá ceremonies, exploring its significance as a ritualistic artifact within Candomblé temples, and its role in safeguarding cultural memory and identity. By analyzing religious artifacts and their cultural relevance, the *quartinha* is highlighted as an example of how material objects embody and transmit ancestral knowledge. This research contributes to broadening the concept of a document by considering its symbolic and informational functions in ritual contexts. The study employs bibliographic research and participant observation at the Candomblé temple Ilê Axé Ingoquê Omorossí, offering deeper insights into the symbolism and practices associated with the artifact. Findings reveal that, beyond serving a practical purpose in ceremonies, the *quartinha* functions as a medium for transmitting collective and cultural memory across generations, positioning it as a document of

interest for archivists and Information Science due to its capacity to preserve and convey knowledge crucial to cultural and religious heritage.

Keywords: religiosity; candomblé; artifacts; quartinha.

1 INTRODUÇÃO

A perspectiva que reconhece os objetos como portadores ativos de significados simbólicos destaca sua importância na preservação da memória cultural, desafiando a visão de que são meramente inertes (Azevedo; Loureiro; Loureiro, 2013). Neste estudo, exploraremos a significância dos objetos de terreiro não apenas como entidades físicas, mas como veículos intrínsecos de informações e memórias. Nossa análise, portanto, se concentrará tanto na materialidade dos artefatos, quanto nas narrativas que eles inspiram.

A escolha pelos objetos encantados dos terreiros também se justifica pela compreensão de que as casas de Candomblé são espaços densamente povoados por objetos que não apenas evocam memórias, mas também perpetuam tradições. Ao adentrar esses espaços sagrados, torna-se evidente que os objetos não são meras testemunhas passivas, mas agentes ativos na transmissão e preservação do conhecimento cultural.

O artefato religioso central deste estudo é a quartinha de barro e seu simbolismo quando carregada sobre a cabeça dos participantes durante o ritual das Águas de Oxalá. A análise se concentra em como esses artefatos funcionam como portadores de memória e se tornam elementos culturais significativos. Este estudo explora não apenas a significância simbólica dos artefatos, mas também seu valor documental, apresentando-os como documentos que possuem valor cultural.

2 AS ENCRUZILHADAS METODOLÓGICAS

Minha formação profissional como arquivista, aliada à minha identidade como mulher negra e candomblecista, foi fundamental para que, através de um olhar técnico, eu pudesse identificar, nos Terreiros de Candomblé, uma vasta quantidade de informações que precisavam ser preservadas, garantindo que a tradição de um povo fosse perpetuada para as gerações futuras. Diversos projetos foram realizados com o intuito de salvaguardar os documentos do terreiro no qual sou iniciada, e essa iniciativa se estendeu a outros terreiros.

Conciliar minha vida profissional com a religião que abracei com dedicação ao longo da vida tem sido uma fonte de imenso aprendizado.

Foi assim que cheguei à minha pesquisa de mestrado, cujo objetivo é verificar como as casas de Candomblé estão tratando seus documentos, considerando que esses registros são importantes instrumentos de resistência e preservação das memórias encantadas das religiões de matriz africana. Como recorte da pesquisa em andamento, apresento, neste artigo, reflexões iniciais sobre as quais venho me debruçando, acerca do encantamento dos objetos nos espaços de terreiro e o papel desses artefatos na preservação da memória e dos cultos dos povos de santo.

Este artigo é fruto de uma observação participante realizada no Terreiro Ilê Axé Ingingoquê Omorossí, durante a cerimônia das Águas de Oxalá, ocorrida em 13 de outubro de 2023. A escolha pela observação participante como método central de investigação se justifica por seu potencial de oferecer uma inserção mais densa e significativa nas representações e nas práticas das expressões religiosas estudadas. Esse método permite que o pesquisador acompanhe de perto os eventos e as vivências do grupo investigado, proporcionando uma compreensão das dinâmicas internas e das nuances culturais presentes. A observação participante se revela como um recurso metodológico especialmente valioso para o estudo do campo religioso brasileiro. A imersão no ambiente do terreiro possibilita ao pesquisador não apenas observar, mas também vivenciar e compreender de forma mais rica os rituais, símbolos e significados atribuídos pelos praticantes. Essa abordagem é fundamental para captar a complexidade das práticas religiosas, que muitas vezes escapa a métodos de pesquisa mais distanciados ou quantitativos.

Para embasar teoricamente a pesquisa, foram consultadas referências bibliográficas sobre candomblé, memória, cultura, cultura material, identidade, artefatos, ciência da informação e observação participante. Essas leituras forneceram o suporte necessário para contextualizar e fundamentar os posicionamentos e os apontamentos realizados ao longo do estudo.

A pesquisa realizada é de natureza descritiva e qualitativa, adotando uma abordagem que prioriza a análise de um grupo social específico, em vez de se preocupar com a representatividade numérica dos dados. Conforme destacam Silveira e Córdova (2009, p. 31), a ênfase está em explorar as práticas, os valores e os significados compartilhados pelos membros do grupo estudado. Os métodos qualitativos permitem investigar o porquê das

práticas e dos valores nas casas de Candomblé, valorizando as trocas simbólicas e as interações que emergem desse contexto específico. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa qualitativa utiliza o ambiente como fonte direta dos dados, mantendo um contato estreito e intensivo com o objeto de estudo. As questões são investigadas em seu contexto natural, sem manipulação intencional por parte do pesquisador, o que confere autenticidade às descobertas (Prodanov; Freitas, 2013).

3 A CERIMÔNIA DAS ÁGUAS DE OXALÁ NO ILÊ AXÉ INGINOQUÊ OMOROSSÍ

Oní Sàà wúre (Senhor do Tempo)
Sàà wúr àse Bàbá (Rogamos bênçãos ao Pai)
Oní Sàà wúre o bé rí o mó (Senhor do Tempo assim novamente).
Ese e Bàbá; Epà Bàbá!

A reza *Oní Sàà wúre* ressoa nos Terreiros de Candomblé, preenchendo o espaço sagrado com reverência ao Senhor do Tempo, o supremo Olódumare — *Ọlórún*, “Deus que criou as Divindades denominadas Orixás” (Ekedi Orisun, 2014, p. 128). Essa cantiga, de etnia Ketu, nação Nagô Yorubá, é uma das mais aclamadas dentro da tradição. Ela não se limita a ser uma reza, mas sim um *Oríkì*, uma saudação vibrante que ecoa em louvor a Oxalá, o Grande Orixá.

Evocamos Oxalá para que possamos discorrer, à luz de um dos rituais mais importantes do Candomblé — a celebração das Águas de Oxalá — sobre como a quartinha incorpora informações e está carregada de memórias, contribuindo assim para a continuidade da tradição. Dentro desse contexto de reverência e simbolismo, destacamos um objeto relevante utilizado durante o ritual das Águas de Oxalá: a quartinha de barro. Para compreender a simbologia associada à quartinha, apresentamos o ritual e o objeto, respeitando as barreiras do sagrado, em que o segredo é também uma tradição valorizada.

O ritual das Águas de Oxalá é uma das celebrações mais tradicionais e importantes nos Terreiros de Candomblé para reverenciar Oxalá. A cerimônia rememora um *Itan* — histórias contadas sobre os orixás — que narra a viagem de Oxalá ao reino de Xangô, em terras de *Oyó* (um dos reinos mais poderosos e influentes da civilização iorubá, localizada na região que hoje corresponde à Nigéria). Durante a viagem, além de enfrentar as provações impostas por Exú,

Oxalá foi preso injustamente por sete anos, o que gerou sete anos de fome e miséria no reino de Xangô. De acordo com Ekedí Orisun (no prelo),

a cerimônia rememora a peregrinação de Oxalá à cidade de Oyó e todo o sofrimento de sua viagem. Os 07 (sete) dias representam os sete anos que ele passou preso na aldeia de Xangô. Nesse dia, dentro do Ilê é proibido tomar café, pegar em azeite de dendê, pegar em carvão ou qualquer outra coisa que macule a pureza do Grande Orixá. O silêncio nesse dia é importantíssimo. A água renova a esperança e nos dá força para conduzir as nossas vidas. Oxalá é a Água da limpeza e da renovação (Ekedí Orisun, no prelo).

O Itan apresentado deu origem a duas importantes cerimônias realizadas anualmente nos terreiros de Candomblé: a cerimônia das Águas de Oxalá e o Pilão de Oxalá. Observa-se, portanto, que o *Itan* é mais do que uma história; é uma narrativa sagrada que compõem a rica tradição oral da cultura iorubá. Esses contos transmitem conhecimentos, valores e ensinamentos morais e históricos, passados de geração em geração. A importância dos *Itan* para as religiões de matriz africana é evidente, pois eles não apenas fundamentam os rituais dentro dos terreiros, mas também mantêm viva a memória coletiva dessas tradições. Para Ferreira (2015, p. 24),

É através dos *Itàn* que se estabelece como os rituais são realizados. Rituais que envolvem tradições e segredos. Os *Itàn* justificam e validam a organização dos materiais ritualísticos utilizados em cada situação específica. Explicam a execução dos rituais, fazendo relação direta com os arquétipos dos *orisá*.

Através dos *Itans*, a memória se perpetua, transformando o passado em presente e integrando a memória coletiva ao âmbito individual (Assmann, 2011). Ao relembrar as histórias dos deuses iorubás por meio dos *Itans*, as religiões de matriz africana preservam e revitalizam sua tradição cultural e espiritual. Dessa forma, o *Itan* não apenas informa, mas também transforma, criando um elo vital entre passado e presente, assegurando a continuidade e a relevância das tradições culturais e religiosas iorubás.

A cerimônia das Águas de Oxalá, no Ilê Axé Ingoquê Omorossí, faz parte do calendário anual de festas do terreiro e ocorre sempre no mês de outubro, na madrugada de sexta para sábado. Antes da cerimônia, o espaço é organizado para que tudo esteja perfeito para louvar o Orixá. O *Alá* (tecido sagrado branco que está associado ao orixá Oxalá) é estendido ao longo do percurso da procissão, e todo o caminho é decorado com frutas e flores, predominando a

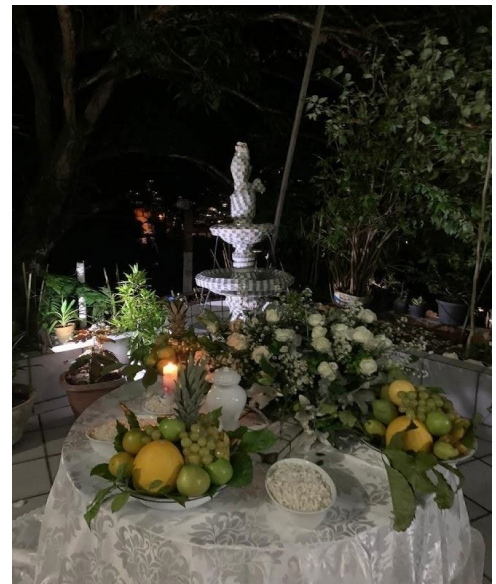
cor branca. Do lado de fora do barracão¹ (ver figura 1), é montada a estrutura para a lavagem dos *Oris* (cabeças) e a fonte de Oxum, de onde a água será coletada para encher as quartinhas, é enfeitada com frutas e flores (ver figura 2), tudo em louvor e reverência à tradição.

Durante a cerimônia, os filhos e os convidados devem trajar vestes brancas. Cada filho deve se posicionar na fila de acordo com a hierarquia da casa, carregando uma **quartinha com água** na cabeça. Em procissão, dirigem-se à fonte de Oxum para coletar a água, a qual será entregue ao Babalorixá, que usa a água depositada na quartinha para lavar os *Oris* dos participantes. A procissão até a fonte é repetida três vezes, e todo o ritual ocorre em silêncio, interrompido apenas pelo suave toque dos atabaques.

Figura 1 – Local de lavagem dos Oris



Figura 2 – Fonte de Oxum



Fonte: Acervo do Ilê Axé Inginoquê
Omorossí

A cerimônia das Águas é repleta de simbolismos; o branco, a água e o silêncio são apenas alguns dos elementos que perpetuam a tradição ancestral. De acordo com Ferreira Neto e Braga (2019, p. 1), "o ritual, além de exaltar a natureza física da água e seu princípio de purificação, desdobra-se em uma cerimônia de consecutivas ações simbólicas que possibilitam evocar a força da divindade ancestral". Ainda segundo os autores (2019), é preciso "rememorar, em terras brasileiras, a narrativa do mito que o originou". Observa-se,

¹ Salão onde acontecem os rituais festivos.

portanto, “um universo plural de significados e significantes[...]” (Ferreira Neto; Braga, 2019, p. 1).

Rememorar o *Itan* é uma prática fortemente observada em diversas passagens da cerimônia no terreiro, destacando a importância e a força da tradição de purificação por meio das águas durante a celebração. No Ilê Axé Inginoquê Omorossí, as águas carregadas sobre as cabeças dos filhos simbolizam não apenas a purificação física, mas também a renovação espiritual e o respeito ao compromisso sagrado entre Oxalá e Xangô. Nota-se a influência do *Itan* moldando os atos dos adeptos e consolidando a memória coletiva do grupo. A prática com as águas, como propõe Halbwachs (1950) em sua teoria das memórias coletivas, não é apenas um ato ritualístico, mas uma forma de vivenciar e reavivar o passado ancestral. Assim, as águas tornam-se um meio tangível pelo qual os membros do terreiro experimentam a presença contínua dos ancestrais e dos orixás, imortalizando a narrativa e integrando-a ao cotidiano dos fiéis.

A tradição de celebrar as Águas de Oxalá, vai além do *Itan* e se transforma em um ritual tradicional com importantes simbologias, entre as quais destacamos o **fortalecimento da comunidade religiosa e a preservação dos rituais ancestrais**. A participação na cerimônia das Águas de Oxalá fortalece os laços comunitários dentro do terreiro, pois os membros se unem em um ritual coletivo, compartilhando experiências espirituais e reforçando sua conexão com a tradição religiosa. O Candomblé, por sua vez, é uma religião rica em tradições e rituais transmitidos ao longo das gerações. Assim, a celebração das Águas de Oxalá integra essas práticas rituais, contribuindo para a preservação da cultura e da identidade religiosa dos povos de santo.

3 O CORPO E O BARRO: A QUARTINHA COMO DOCUMENTO NA PRESERVAÇÃO DAS MEMÓRIAS

Na cerimônia das Águas de Oxalá, encontramos uma diversidade de objetos ricos em simbologia. Neste artigo, focaremos na quartinha de barro. Esse artefato (figura 3) é comercializado em mercados e feiras que vendem objetos para os cultos afro-brasileiros ou em locais especializados na venda de produtos de barro. Fora do contexto religioso, nas feiras e mercados, a quartinha é considerada um simples objeto usado para transportar e armazenar líquidos, como azeite, devido à capacidade do barro de manter a temperatura fresca e

preservar o conteúdo por mais tempo, cumprindo, então, finalidades domésticas, utilitárias e, por vezes, decorativas.

Ao adentrar no contexto das religiões de matriz africana, a quartinha, que pode ser feita de barro ou porcelana, assume um papel que vai além de seus fins primários. Ela passa a incorporar diversos significados que fazem parte da tradição de um povo, sendo vista como um artefato simbólico, repleto de informações. Marques (2018) explica essa simbologia ao associar o barro à criação do corpo. Para este autor (2018),

O barro é um elemento primordial no candomblé, ligado ao orixá Nanã, à terra, à criação do corpo e ao destino (ver Elbein dos Santos 1977: 233). Todo assentamento deve possuir uma quartinha, que sempre deve estar cheia de água limpa. Ainda que a quartinha de alguns orixás possa ser feita de louça - como a das *iabás* (santos femininos como Oxum, Iemanjá e Iansã) ou dos *orixás funfun* (Oxalá e Oxaguiã) - a maioria das quartinhas é feita de barro (e ainda esses orixás citados possuem ao menos uma quartinha de barro) (Marques, 2018, p. 234).

Marques (2018) aprofunda a simbologia do barro na criação da quartinha, observando que "é por meio do barro da quartinha que o orixá 'respira' e 'bebe', e que ela é o próprio corpo do adepto diante do assentamento do orixá" (Marques, 2018, p. 234). Essas interpretações complementares destacam a dualidade mística e funcional da quartinha: enquanto representa a vida e a conexão vital com os orixás, também demanda constante cuidado e renovação, pois a água que a preenche evapora gradualmente, exigindo reposição regular para manter o fluxo de axé.

Figura 3 – Quartinha de barro



Fonte: Acervo do Ilê Axé Ingoquê Omorossí

Observamos que a quartinha de barro no Candomblé não apenas materializa conceitos fundamentais da cosmologia religiosa, como também reforça a interação dinâmica entre ser humano e divindade, em que o cuidado ritualístico simboliza a perpetuação da vida e da tradição espiritual. Nesse contexto, consoante Almeida (2021, p. 111), “apesar das transformações ocorridas em manifestações culturais promovidas por fatores internos e externos ao longo do tempo, a consciência da permanência de símbolos, mantém a tradição reforçando o vínculo entre a memória e a identidade”.

No ritual das Águas de Oxalá, a quartinha de barro, carregada pelos filhos de santo sobre a cabeça durante a procissão, torna-se um artefato simbólico que, no rito, transcende sua simples materialidade para se tornar um portador intrínseco de informações e memórias. Não é apenas um recipiente físico, mas um símbolo repleto de significado e narrativas dentro da tradição das religiões de matriz africana. Ao segurar essa quartinha, os praticantes do Candomblé conectam-se ao ritual e à rica herança cultural e espiritual que ela representa. Cada quartinha carrega consigo a água, as narrativas e as tradições transmitidas ao longo das gerações, lembrando aos devotos a sua identidade religiosa e o seu compromisso com os ensinamentos dos Orixás.

Ao examinar a importância da quartinha, mergulhamos não apenas em sua materialidade, mas também nas histórias e experiências que ela evoca, enriquecendo a compreensão do ritual das Águas de Oxalá e da cultura religiosa do Candomblé como um todo. A riqueza de informações presentes nos rituais de Candomblé se transforma em saberes ancestrais que devem ser preservados para garantir a continuidade das tradições de culto africano. Ao ser carregada sobre as cabeças pelos adeptos, a quartinha torna-se um elo tangível entre o mundo físico e o espiritual. O barro moldado é mais do que matéria; é um receptáculo de história, devoção e mistério. Desse modo, ao adentrar o universo da quartinha, nos deparamos com um mar de significados, em que cada gota de água contida ecoa a história e a fé de um povo.

Nesse contexto, percebemos que os objetos assumem um papel central e sagrado durante os rituais, imbuídos de um encantamento que se entrelaça com o próprio significado da celebração. Essa visão desafia a ideia convencional de que os objetos são meramente inertes, destacando-os como veículos ativos da memória e da tradição cultural (Azevedo; Loureiro; Loureiro, 2013). Ao considerarmos os objetos como portadores intrínsecos de

informações e memórias, mergulhamos em uma análise que vai além de sua materialidade física. Azevedo, Loureiro e Loureiro (2013) abordam que

Os homens imprimem suas marcas nos objetos que, por se constituírem vestígios da ação humana e sobreviverem a seus criadores, são capazes de ancorar memórias, fazer lembrar, comunicar e transmitir mensagens. Tais mensagens podem ser permanentes ou transitórias, intencionais (como lápides) ou involuntárias (como os objetos de uso cotidiano) (Azevedo; Loureiro; Loureiro, 2013, p. 2).

No contexto dos terreiros de Candomblé, esses objetos não apenas despertam lembranças, mas também perpetuam tradições antigas e sagradas. A construção da identidade dos filhos de santo ocorre por meio da transmissão oral e do uso de objetos significativos. Essa transmissão, que envolve ensinamentos aliados a objetos que, de acordo com Azevedo, Loureiro e Loureiro (2013), 'ancoram memórias', representa um instrumento crucial na preservação de uma cultura milenar. Nesse sentido, ao analisarmos esse universo de espaços sagrados densamente povoados por esses artefatos, torna-se evidente que eles desempenham um papel fundamental na transmissão e preservação do conhecimento cultural, conectando o presente às narrativas do passado e guiando os fiéis em sua jornada espiritual.

No texto *O Rumor dos Objetos*, visualizamos essa perspectiva enriquecedora da interpretação dos registros arqueológicos, destacando a importância de considerá-los como sistemas complexos de significados. Azevedo, Loureiro e Loureiro (2013) discutem diferentes abordagens para interpretar os registros arqueológicos, como artefatos e outros objetos antigos. Os autores mencionam que algumas teorias tentaram entender esses registros como linguagem, atribuindo-lhes significados, como se estivessem "lendo" ou "interpretando" os sinais deixados pelos povos do passado. No entanto, destacam que uma abordagem diferente, baseada na semiótica de Peirce (1977), ofereceu uma visão mais ampla do conceito de "signo". Peirce (1977), em vez de simplesmente associar um significante (o que é representado) a um significado (o que ele representa), propõe que os objetos e artefatos arqueológicos sejam vistos como sistemas complexos, interpretados de diferentes maneiras por diferentes culturas (Peirce, 1977 *apud* Azevedo; Loureiro; Loureiro, 2013).

Essa interpretação pode ocorrer em qualquer momento em que a representação, o autor e o objeto se misturam para formar um único "signo". Isso pode acontecer tanto de

forma intencional quanto accidental, como parte da vida cotidiana dos grupos culturais que usam ou observam esses objetos antigos (Azevedo; Loureiro; Loureiro, 2013). Essa perspectiva peirceana é explorada, apresentando o artefato como um meio de compreender não apenas as sociedades do passado, mas também as dinâmicas culturais e sociais que moldam nosso mundo contemporâneo. Ao reconhecer a complexidade das interações entre os objetos e as culturas que os produziram e os utilizam, buscamos lançar luz sobre a multiplicidade de significados que esses artefatos contêm, permitindo-nos desvendar as camadas da história humana e de suas expressões materiais.

Ao analisarmos os artefatos e sua carga informativa, é essencial estabelecer uma compreensão clara do conceito de informação. Para tal, nos apropriamos do conceito delineado por Marteleto (2007), que traz uma perspectiva relacionada à antropologia da informação, dentro do contexto do conhecimento e da cultura. Para a autora (2007), a informação não é apenas um conjunto de dados, mas sim um artefato multifacetado de produção de sentidos, enraizado no âmago do conhecimento e da cultura. Marteleto (2007) destaca que a informação transcende sua mera existência material, pois é impregnada de significados simbólicos, construídos e interpretados pelos sujeitos inseridos em contextos sociais e institucionais específicos. Nesse sentido, a informação não é estática; ela é dinâmica, moldada pelas interações e representações dos indivíduos e pelos sistemas de poder que permeiam a sociedade. A compreensão da informação como um fenômeno que transcende a simples transmissão de dados é fundamental para nossa análise dos artefatos, pois eles não são apenas portadores de informações tangíveis, mas também manifestações concretas da complexidade dos sistemas culturais e sociais nos quais estão inseridos.

Retomamos, então, a quartinha de barro nas Águas de Oxalá. Ao considerarmos a quartinha como um artefato carregado de informações, reconhecemos sua função vital na transmissão e preservação da identidade religiosa do Candomblé, o que a torna um meio tangível de comunicação entre os fiéis e suas tradições ancestrais. A quartinha não carrega somente água física, ela também simboliza toda uma herança cultural, transmitindo valores, crenças e rituais que permeiam a prática religiosa do Candomblé. Assim, ela transcende sua função primária como recipiente de água e se transforma em um símbolo vivo da continuidade e da conexão espiritual com as tradições ancestrais. Isso reafirma a importância da cultura e da informação materializada em objetos cotidianos.

Reconhecemos, então, que essa mesma quartinha, cuja função primária é carregar a água usada para lavar as cabeças, possui uma simbologia que transcende esse ato, conforme exhaustivamente apresentado ao longo deste texto, e adquire, em determinados contextos, o status de documento. De acordo com a definição de Briet (2016, p. 1), documento é “todo indício concreto ou simbólico que seja conservado ou registrado com o propósito de representar, reconstruir ou comprovar um fenômeno físico ou intelectual”. Nesse sentido, a quartinha, ao carregar a água, preservar os valores e as práticas religiosas do Candomblé, é entendida como um documento que testemunha e preserva a história, a identidade cultural e espiritual de uma comunidade. Briet (2016) argumenta que a documentação não se limita aos suportes tradicionais, mas inclui objetos naturais e artificiais que, ao serem interpretados, fornecem informações valiosas.

Nesse contexto, a quartinha, usada em rituais de purificação e oferendas nas práticas religiosas, torna-se um documento. Ela não é somente um recipiente, mas carrega os significados que evocam a presença e a proteção de Oxalá, além de simbolizar a pureza e a espiritualidade das águas sagradas. Almeida (2021, p. 112) afirma que “a potencialidade informativa dos objetos nos remete à sua condição de documento”. As quartinhas são consideradas documentos, porque estão repletas de informações. Almeida (2021, p. 112), apoiando-se nos estudos de Azevedo Netto (2010), complementa que, enquanto documentos, “esses materiais da cultura humana retêm dados potenciais para elementos informativos referentes aos aspectos culturais, memorialísticos e identitários do indivíduo, grupo ou sociedade”.

Ao considerar a quartinha sob essa perspectiva ampliada, é possível reconhecer que os conhecimentos ancestrais são preservados e transmitidos por meio de práticas e objetos rituais, os quais atuam como portadores de informações culturais e espirituais. Dessa forma, a quartinha não é apenas um objeto de culto, mas também um documento dinâmico que registra e perpetua tradições, valores e crenças, contribuindo para a memória coletiva das comunidades religiosas. Este estudo, portanto, reforça a ideia de que a documentação se manifesta de maneiras diversas e multifacetadas, em que a materialidade dos objetos religiosos desempenha um papel crucial na preservação e na disseminação do conhecimento ancestral.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da quartinha de barro utilizada na cerimônia das Águas de Oxalá permitiu uma melhor compreensão da natureza dos artefatos religiosos, evidenciando como estão carregados de informações e sua função como documentos. Com base na definição de Briet (2016), que descreve o documento como qualquer sinal ou evidência, tanto concreto quanto simbólico, podemos concluir que a quartinha de barro, devido ao seu rico simbolismo e uso ritualístico, pode ser legitimamente considerada um documento. Ela preserva informações sobre a tradição, carregando ensinamentos, histórias e valores do Candomblé, além de representar e simbolizar a criação, a vida e a presença dos Orixás na Terra. A quartinha também demonstra e comprova a continuidade e o respeito às tradições ancestrais.

É possível evidenciar que a quartinha não é meramente um objeto de barro. O uso desse artefato no ritual das Águas de Oxalá preserva e transmite os ensinamentos, as histórias e os valores do Candomblé. Através da quartinha, o Candomblé perpetua a memória coletiva e a espiritualidade de seus praticantes. Esse artefato comprova a continuidade e o respeito às tradições ancestrais, funcionando de maneira semelhante aos exemplos dados por Briet (2016). Assim como a fotografia de uma estrela não é a estrela em si, mas um registro dela, a quartinha de barro não é apenas um recipiente, mas um registro simbólico e funcional da fé e da prática religiosa.

A quartinha de barro, no contexto ritualístico do Candomblé, deve ser reconhecida como um documento. Ela preserva e transmite informações essenciais sobre a cultura e a tradição religiosa, cumprindo a função de registrar e conservar um fenômeno intelectual e espiritual. Esse reconhecimento sublinha a importância da preservação dos artefatos religiosos para a memória e a identidade das religiões de matriz africana. É crucial, nesse contexto, garantir que essas memórias e identidades sejam mantidas vivas. Para isso, é necessário adotar medidas de preservação. A documentação detalhada, a conservação física e a contextualização histórica e cultural desses objetos são passos fundamentais para a proteção do patrimônio religioso.

Portanto, a riqueza cultural e a diversidade encontradas nos terreiros de Candomblé nos permitem sugerir pesquisas futuras, que podem incluir uma investigação mais ampla de outros artefatos religiosos, analisando suas funções e significados dentro dos rituais e da comunidade. Além disso, estudos comparativos entre diferentes tradições religiosas podem

revelar como cada uma utiliza e preserva seus artefatos, oferecendo informações valiosas sobre a diversidade e a riqueza das práticas religiosas ao redor do mundo. Pesquisas focadas na digitalização e catalogação desses artefatos também podem proporcionar novas formas de preservação e acesso a esse patrimônio cultural, garantindo que as futuras gerações continuem a ter acesso a essas importantes fontes de memória e identidade. Por fim, a preservação desses objetos é fundamental para assegurar que as tradições e a cultura religiosa permaneçam vivas, transmitindo seu legado às próximas gerações.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. M. **Entre o cachimbo e a fumaça**: um estudo das memórias na cultura material da Jurema no Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar. 2021. 361f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Centro de Ciência Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, 2021.
- ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- AZEVEDO NETTO, C. X. Cultura material e arqueologia: uma discussão conceitual. *In*: CURY, C. E.; FLORES, É. C.; CORDEIRO JR., B. **Cultura histórica e historiografia**: legados e contribuições do século 20. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2010.
- AZEVEDO NETTO, C. X.; LOUREIRO, M. L. N. M.; LOUREIRO, J. M. M. O rumor dos objetos. *In*.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ANCIB, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/30542196/O_RUMOR_DOS_OBJETOS_1. Acesso em: 20 set. 2024.
- BRIET, S. **O que é documentação?** Trad. de Maria de Nazareth Rocha Furtado. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2016.
- EKEDI ORISUN. *As Águas de Oxalá*. No prelo.
- EKEDI ORISUN. **Terceiro Tempo**. São Paulo: All Prit Editora, 2014.
- FERREIRA, M. F. **Ìtàn-oralidades e escritas**: um estudo de caso sobre cadernos de hunkó e outras escritas no Ìlè Aşé Omi Larè Ìyá Sagbá. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- FERREIRA NETO, A. F.; BRAGA, S. S. Águas de Oxalá: o branco como símbolo e memória no microcosmo da cerimônia Nagô-Vodun. **Sacrilegens**, v. 16, n. 1, p. 301-312, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2237-6151.2019.v16.28840>. Acesso em: 11 jul. 2024.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Rio de Janeiro: Biblioteca Vértice, 1950.

MARQUES, L. Fazendo orixás: sobre o modo de existência das coisas no candomblé. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p. 221-243, 2018.

MARTELETO, R. M. O lugar da cultura no campo de estudos de informação: cenários perspectivas. *In*: LARA, M. L. G.; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. (org.). **Informação e Contemporaneidade**: perspectivas. Recife: NÉCTAR, 2007, p. 13-26.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Rio Grande do Sul: Universidade Feevale, 2013. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_M%C3%A9t/zUDsAQAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&pg=PA3&printsec=frontcover. Acesso em: 11 jul. 2024.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. **A pesquisa científica**: métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora: UFRGS, 2009